

JASON L. RILEY

THOMAS
SOWELL

A BIOGRAFIA



THOMAS SOWELL

A BIOGRAFIA

JASON L. RILEY

Tradução:
Carlos Szlak



COMO VOCÊ GOSTARIA DE SER LEMBRADO?

INTRODUÇÃO

“Como você gostaria de ser lembrado?”, o entrevistador perguntou.

O ano era 2003, e Thomas Sowell, com setenta e três anos na época, estava em meio a um surto de produção literária. Durante a década anterior, ele publicara onze livros a respeito de temas que variavam desde educação e cultura até justiça social e alfabetização econômica. Mal sabia o entrevistador, e talvez até mesmo Sowell, que os quinze anos seguintes trariam outras nove obras originais, edições ampliadas ou revisadas de cinco outras, assim como as oitava, nona e décima coletâneas das suas colunas de jornais e outros textos.

Questionado no início da entrevista a respeito de quais títulos ele mais se orgulhava, Sowell não hesitou: “Como realização intelectual, eu diria *A Conflict of Visions* [*Conflito de visões*] e *Say’s Law*”, ele respondeu. Ambas as obras acerca da história das ideias e da teoria econômica. No entanto, ao ser questionado a respeito do impacto de longo prazo da sua produção literária, Sowell objetou: “Não sei se alguém pode avaliar a própria obra. Certamente, eu não teria a objetividade.” É difícil prever uma influência duradoura, ele acrescentou, citando Friedrich Hayek, economista austríaco do século XX, que é mais conhecido hoje como defensor convicto do livre mercado. “Pessoas que nunca ouviram falar dele, que nunca leram uma palavra que ele escreveu, são, no entanto, bastante influenciadas por suas ideias sobre liberdade econômica. Existem centros de estudos [*think tanks*] na Austrália, na Jamaica e na América do Sul inspirados na obra de Hayek que agora estão atingindo

diretamente o público, que não tem ideia de quem seja a fonte.” Para Sowell, a notoriedade pessoal era menos importante do que ter ideias já testadas que prevalecem nas decisões políticas, independentemente de quem recebesse o crédito. “Tenho certeza de que pelo menos noventa e cinco por cento das pessoas neste país nunca ouviram falar de mim, e é assim que deve ser.”

Então, como Sowell gostaria de ser lembrado? “Meu Deus. Não sei se quero ser lembrado. Gostaria que as ideias que apresentei fossem lembradas”, ele respondeu, por fim.¹

Este livro aborda as ideias de Sowell. É uma apresentação seletiva da obra acumulada ao longo de mais de meio século por um dos principais teóricos sociais dos Estados Unidos. O *corpus* de Sowell é abrangente e volumoso, e você não vai encontrar nada próximo de uma avaliação completa nas páginas que se seguem. Em vez disso, o objetivo deste livro é contextualizar o que Sowell e outros autores julgam ser suas observações mais importantes e, em seguida, rastrear as tradições intelectuais das quais derivam esses *insights* e identificar a ortodoxia que eles frequentemente desafiam. Tampouco me propus a psicanalisar o autor e considerar sua vida pessoal de forma mais detalhada do que o necessário para esclarecer seus estudos acadêmicos e responder aos diversos detratores. Para quem deseja um mergulho mais profundo em seu *background*, Sowell publicou um livro de memórias, *A Personal Odyssey*, em 2000, e também um livro de correspondências que abrangem mais de quatro décadas, *A Man of Letters*, em 2007. Ele também apresentou descrições da sua educação e da sua família em várias colunas de jornais e em outros livros semiautobiográficos, incluindo *Black Education: Myths and Tragedies*, de 1972, e *Late-Talking Children*, de 1997.

É verdade que avaliar o trabalho de alguém negligenciando inteiramente seu caráter pessoal é quase impossível e, neste caso, seria um grande desserviço ao leitor. Sowell nasceu no interior da Carolina do Norte, em 1930, em uma casa sem eletricidade e sem água quente encanada. O pai morreu antes do seu nascimento e a mãe, uma

empregada doméstica, morreu ao dar à luz o seu irmão mais novo alguns anos depois. O órfão Sowell foi acolhido por uma tia-avó, que o criou como filho e escondeu dele o fato de que era adotado e tinha uma irmã e quatro irmãos. A família se mudou primeiro para Charlotte, a maior cidade da Carolina do Norte, e depois, quando Sowell tinha oito anos, para o bairro do Harlem, em Nova York, onde, a partir de então, foi criado.

Aluno brilhante com uma vida familiar tumultuada, Sowell foi admitido em uma das escolas de ensino médio mais concorridas de Nova York, mas a abandonou aos dezesseis anos. Saiu de casa um ano depois, após um juiz considerá-lo um “menor rebelde”, e se mudou para um abrigo de rapazes sem-teto no Bronx, onde mantinha uma faca sob o travesseiro à noite para proteção. Ele aceitou todos os empregos disponíveis — mensageiro, operário — para um egresso de uma escola do ensino médio para negros com poucas qualificações profissionais. A certa altura, Sowell estava tão desamparado que o capataz de uma oficina onde ele trabalhava emprestou-lhe dinheiro para comprar comida. Durante toda uma década, Sowell se educou na “escola da vida”, como ele disse. Só conseguiu se formar na faculdade quando já tinha quase trinta anos e havia servido no Corpo de Fuzileiros Navais, onde frequentara a escola de fotografia e ensinara tiro de pistola.

Sowell explica em suas memórias que esses acontecimentos ocorridos no início da vida tiveram um impacto profundo em seu desenvolvimento como acadêmico e em seu pensamento subsequente acerca de políticas públicas. “Em retrospecto, até mesmo meus infortúnios foram, de alguma maneira, afortunados, pois me ensinaram coisas que seriam difíceis de entender de outra forma, e apresentaram a realidade de um ângulo não dado a aqueles, sobretudo entre intelectuais, cujas carreiras seguiram um caminho mais reto em rotinas pré-estabelecidas”, ele escreve. “Eles só podem teorizar a respeito das experiências que vivi”.² Esse tipo de experiência era mais importante para Sowell do que a teoria abstrata. Suas primeiras lutas para construir uma vida por si

mesmo significaram “contato diário com pessoas que não eram nem bem-educadas nem especialmente refinadas, mas que tinham uma sabedoria prática muito além da que eu possuía”, ele recorda. “Isso me deu um respeito duradouro pelo bom senso das pessoas comuns, um fator habitualmente ignorado pelos intelectuais entre os quais eu construiria carreira posteriormente. Esse foi um ponto cego em grande parte das análises sociais deles, o qual não tive que encarar.”³

Neste livro, a partir dessas lembranças — assim como das entrevistas que realizei com amigos e colegas de Sowell e das minhas próprias conversas com ele — apresento o que espero que seja uma avaliação equilibrada. No entanto, esta é principalmente uma biografia intelectual, o que significa que meu foco está na produção acadêmica do autor, e não em sua história de vida. E sempre que possível, deixo Sowell apresentar os argumentos com a sua própria voz, já que dificilmente se poderia melhorá-los.

A primeira vez que ouvi seu nome foi na faculdade no início da década de 1990. Durante uma discussão acerca de políticas públicas, alguém comentou que eu falava como Thomas Sowell, ao que respondi: “Quem é ele?”. Meu interlocutor sugeriu que eu lesse *Civil Rights: Rhetoric or Reality?*, de Sowell, livro publicado em 1984 para assinalar o trigésimo aniversário da histórica decisão da Suprema Corte dos Estados Unidos relativa ao caso *Brown versus Board of Education* e o vigésimo aniversário da Lei dos Direitos Cívicos [*Civil Rights Act*] de 1964. Peguei um exemplar na biblioteca e o li de uma só vez naquela noite. Minha reação foi semelhante à do romancista Richard Wright depois de ler H.L. Mencken pela primeira vez. “Fiquei espantado com o estilo, as frases claras, harmoniosas, impetuosas”, Wright escreveu. “Por que ele escrevia assim? E como se escreve assim? (...) Continuei lendo e o que me surpreendeu não foi o que ele disse, mas como é que alguém teve coragem de dizer aquilo”.⁴

A escrita de Sowell é lúcida, incisiva e segura. Ele combina aprendizado amplo e bom senso — e faz parecer fácil. Sowell evita

a hipocrisia e o sentimentalismo, mesmo quando trata de assuntos emotivos, como raça. Ao contrário de muitos outros intelectuais, Sowell passou grande parte da carreira escrevendo para o grande público, e não para especialistas. Teoricamente, deixou de lecionar na década de 1970, após períodos fixos de docência na Universidade Cornell, no Amherst College e na Universidade da Califórnia em Los Angeles [UCLA], entre outras instituições. Desde 1980, Sowell é bolsista residente da Hoover Institution, centro de estudos de políticas públicas sediado na Universidade de Stanford. Mesmo assim, por meio de sua coluna distribuída nacionalmente em diversos jornais, que ele parou de escrever apenas em 2016 quando tinha 86 anos, e, por intermédio de dezenas de livros importantes escritos em prosa acessível, Sowell se tornou para muitos dos seus leitores o melhor professor que já tiveram.

“Quando penso em seus textos, penso em uma palavra: clareza”, afirmou o veterano jornalista Fred Barnes, que entrevistou Sowell para um documentário de tevê em 2005. “Nos Estados Unidos, não há ninguém que escreve com maior clareza em colunas de jornais, em livros, em ensaios mais longos.” Ainda de acordo com o jornalista, Sowell teve basicamente uma carreira paralela durante décadas como jornalista em tempo integral, e uma das melhores. “Ele escreveu de forma exaustiva a respeito de coisas como preconceito racial, seja por parte de pessoas ou imposto por governos em todo o mundo”, Barnes disse. “Os relatos em alguns desses livros são extraordinários. Devido ao meu ofício, sempre fico impressionado com alguém que faz relatos incríveis. Ele pode chamar de pesquisa, mas é brilhante e extensiva.”⁵

Em meados da década de 1990, encontrei Sowell pessoalmente pela primeira vez quando eu trabalhava no *Wall Street Journal*. Nas turnês de lançamento dos seus livros, Sowell passava por Nova York e se reunia com o conselho editorial do jornal. Alguns anos depois, viajei até a Califórnia para entrevistá-lo na Universidade de Stanford para traçar seu perfil para o *Journal*, e iniciamos uma relação que tem

perdurado. Hoje em dia, os mais jovens tendem a descobrir Sowell *on-line*. Quando fez noventa anos, em 30 de junho de 2020, ele tinha quase quinhentos e cinquenta mil seguidores no Twitter, o que é um feito notável para qualquer um, mas sobretudo para quem não usa redes sociais. A conta @ThomasSowell foi criada em 2009 e ainda é administrada por um admirador anônimo da obra de Sowell. Esse admirador me pediu para não usar seu nome, porque a sua simpatia pelas ideias de Sowell pode deixar incomodados os seus colegas de trabalho politicamente liberais. No entanto, ele me permitiu dizer que é um *millennial* da região meio-oeste que nunca conheceu o autor. Começou a ler Sowell na faculdade e teve a ideia de criar a conta após ouvir uma entrevista de Sowell no conhecido programa radiofônico de Dennis Prager.

“Criei a conta porque queria divulgar as ideias dele para um público maior”, ele me disse. “Sowell tinha uma presença quase nula nas redes sociais, exceto alguém que tuitava suas colunas semanais de jornais. Então, comecei compartilhando o *link* das colunas e postando algumas citações delas. E foi uma construção meio lenta até mais ou menos 2016.” Foi quando o admirador começou a postar citações com mais frequência, uma ou duas por dia, incluindo algumas das colunas e dos livros anteriores de Sowell. E esse é o único conteúdo já postado na conta: citações diretas dos livros e das colunas de Sowell sem comentários adicionais. Seguiram-se milhares de *likes* e retuítes. “Foi quando realmente começou a ganhar impulso”, ele revelou. “Nos últimos anos, a conta vem conquistando cerca de 100 mil seguidores por ano.”

Além da sua presença no Twitter, grande parte das aparições de Sowell na tevê ao longo de décadas pode ser vista no YouTube. Peter Robinson, um colega da Hoover e apresentador do programa de atualidades *on-line Uncommon Knowledge*, me disse que suas entrevistas frequentes com Sowell são especialmente populares entre pessoas na casa dos vinte a trinta anos. “Tom é o convidado mais apreciado, o

mais popular e o mais requisitado”, Robinson afirmou. “Quanto mais jovem a audiência, mais ela gosta de Tom Sowell.”⁶

O interesse de uma geração mais jovem em Sowell não é simplesmente uma indicação de que suas opiniões a respeito de economia, migração ou cultura ainda repercutem. Tão importante quanto isso, transparece um desejo contínuo por seu estilo de análise política. O tipo de pensamento que circula hoje sob a insígnia de “militância” foi identificado há mais de trinta anos por Sowell como apenas a mais recente iteração relativa à defesa da “justiça social” que filósofos políticos como William Godwin articularam no século XVIII. A adesão de Sowell ao empirismo — a utilização de evidências baseadas em dados para testar teorias e investigar fenômenos sociais — é outra característica distintiva de seu estudo acadêmico que nunca está desatualizada. Os modismos intelectuais que com frequência inspiram acadêmicos e imprensa têm pouca relevância para Sowell, que está muito mais interessado em tomar conhecimento dos fatos e então determinar se correspondem, ou não, às crenças populares. Enquanto outros estudiosos perguntam quais fatores causam a pobreza, Sowell quer saber quais circunstâncias levam à criação da riqueza. Enquanto outros discutem a respeito de como explicar diferentes resultados econômicos entre grupos raciais e étnicos distintos, Sowell se pergunta por que alguém deveria esperar resultados semelhantes. Além disso, ele frequentemente buscou respostas para perguntas que muitos dos seus colegas acadêmicos eram muito ariscos para fazer.

No início da década de 1970, quando Sowell realizava pesquisas acerca de raça e inteligência, ele foi abordado em uma conferência da Fundação Ford por Kenneth Clark, o proeminente psicólogo negro cujas próprias pesquisas, décadas antes, ajudaram ativistas pelos direitos civis a desafiar com sucesso as leis de segregação nas escolas públicas. Após tomar conhecimento do projeto de Sowell, Clark o exortou a interrompê-lo durante uma conversa em particular, receoso de que aquilo que Sowell pudesse descobrir dignificasse as teorias

de estudiosos como Arthur Jensen, que sustentava que a genética explicava as diferenças raciais em termos de capacidade mental. No entanto, Sowell era cético em relação às teorias de Jensen e queria pô-las à prova. Ao contrário de Clark, ele não tinha medo do que poderia encontrar. Tampouco Sowell acreditava que havia algo a ganhar protegendo as pessoas da realidade das suas situações. “Eu não partilhava dos receios de Kenneth Clark, mas, mesmo no caso improvável de que a pesquisa acabasse confirmando a teoria de Jensen acerca de uma base racial para diferenças no QI médio, deveria eu suprimir os resultados?”, Sowell questionou. E acrescentou: “Aonde quer que os negros estivessem indo e aonde quer que quiséssemos ir, tínhamos que chegar lá de onde estávamos; o que significava que tínhamos que saber onde estávamos, não onde gostaríamos de estar ou onde gostaríamos que os outros pensassem que estávamos.”⁷

Essas discussões não são coisa do passado. Recentes apelos para eliminar notas do processo de admissão ao ensino superior nos Estados Unidos, porque negros e hispânicos, na média, têm pontuação inferior em relação aos brancos e asiáticos são, em última análise, tentativas de encobrir como esses grupos defasados, seja qual for a razão, estão atualmente em comparação aos outros grupos. E as iniciativas para ocultar essas discrepâncias, deixando de medi-las, não são menos equivocadas hoje do que quando Sowell as evocou, meio século atrás. Sowell rejeitou o conselho de Clark e continuou com seu projeto de pesquisa. Ele e seus colegas acabariam por reunir cerca de setenta mil registros de QI de doze grupos étnicos, remontando a cinquenta anos. “O padrão que surgiu foi que os grupos étnicos em situação semelhante à dos negros, meio século atrás, tinham QIs muito semelhantes (e às vezes mais baixos) e, conforme seu nível socioeconômico se elevava ao longo das décadas, o mesmo acontecia com seus QIs”, Sowell explicou posteriormente. “De certa forma, minhas conclusões vão contra tanto a Jensen quanto aos seus críticos. Ambos tentam encontrar uma explicação para uma experiência negra única, ao passo que me parece que há pouco que

precise ser explicado.”⁸ Na opinião de Sowell, o episódio exemplificou um problema mais amplo acerca de nossas discussões sobre raça. “Um esforço enorme é gasto para manter a imagem dos negros”, ele me disse. “Você quer melhorar a realidade, e não a imagem. E às vezes o foco na imagem atrapalha.”⁹

Sowell pode ser mais conhecido por seus textos a respeito de controvérsias raciais, mas raça não é um tópico que ele inicialmente tenha se proposto a investigar. “Nunca pensei que só porque sou negro isso me tornasse uma autoridade em questões raciais”, ele afirmou. “Considerarei que existiam pessoas que se especializavam nisso e que elas devem saber do que estão falando. Então, comecei a ler o que elas diziam, e grande parte daquilo era bobagem. Pensei: ‘Meu Deus, está na hora de nós, amadores, entrarmos nisso’.”¹⁰

Sowell é economista de formação e, para ele, esse aprendizado começou mais tarde do que para a maioria dos alunos. Como nunca se formou no ensino médio, o primeiro passo após deixar as forças armadas foi realizar um teste que certifica se o candidato possui habilidades acadêmicas de nível médio nos Estados Unidos. A G.I. Bill (lei norte-americana de 1944 que proporcionou uma série de benefícios para os veteranos da Segunda Guerra Mundial) permitiu que Sowell se matriculasse no curso noturno da Universidade Howard, instituição de ensino superior historicamente para negros situada em Washington D.C. Após concluir o primeiro ano, ele se transferiu para Harvard. A escolha de economia como foco no curso superior foi uma decisão fácil porque suas melhores notas sempre foram em matemática. Porém, depois de fazer um curso de história do pensamento econômico e outro sobre as origens do socialismo, Sowell se deu conta de que seu verdadeiro fascínio estava associado à história das ideias em termos mais gerais. Seu trabalho de conclusão de curso foi a respeito da filosofia de Karl Marx e, em 1958, aos 28 anos, ele finalmente recebeu o diploma de graduação em economia. Um ano depois, Sowell concluiu o mestrado na Universidade Columbia e,

então, na Universidade de Chicago, acabaria por obter o diploma de doutorado em 1968. Sua tese, escrita sob a orientação dos economistas Milton Friedman e George Stigler, futuros ganhadores do Prêmio Nobel de Economia, foi sobre a história das ideias.

Não surpreende que os textos de Sowell a respeito de raça tenham obtido maior destaque da imprensa. Contestar a argumentação subjacente ao veredicto da Suprema Corte relativa ao caso *Brown versus Board of Education*, ou questionar se os grupos minoritários se beneficiam mais com a intervenção governamental do que com a competição de livre mercado, certamente atrai mais atenção do que escrever sobre a história da teoria econômica ou o papel dos intelectuais na sociedade. Contudo, grande parte da produção de Sowell não é sobre raça, e *Basic Economics: A Common Sense Guide to the Economy* [Economia básica: um guia de economia voltado ao senso comum] é a sua obra mais vendida. Sowell escreveu que os “livros que fizeram a principal diferença em minha carreira — *Say’s Law*, cujo manuscrito foi decisivo para minha efetivação no emprego na UCLA, e *Knowledge and Decisions*, que propiciou uma proposta de nomeação como pesquisador sênior na Hoover Institution — foram livros acerca de temas não raciais”. Além disso, seus livros a respeito de questões raciais “não foram escritos como uma válvula de escape intelectual”, mas mais a partir de um senso pessoal de dever, “porque existiam coisas que eu considerava que precisavam ser ditas e sabia que outras pessoas estavam relutantes em dizê-las”.¹¹

Aqui, suas ideias sobre raça e cultura serão avaliadas no arcabouço mais amplo dos seus textos a respeito de economia, história e teoria social. É um arcabouço filosófico que tem se sustentado surpreendentemente bem ao longo da sua longa carreira e possibilitou uma abordagem bastante íntegra referente a assunto após assunto, como os próximos capítulos demonstrarão. Livros como *Knowledge and Decisions*, de 1980, *A Conflict of Visions* [Conflito de visões], de 1987, *The Vision of the Anointed*, de 1995, e *The Quest for Cosmic Justice*, de 1999,

não são especificamente acerca de raça, mas oferecem vislumbres úteis em termos das motivações de Sowell em seus textos sobre raça, assim como sobre política, direito, educação e outros temas. Por exemplo, Sowell se opôs à política pública na contratação de professores e na admissão de estudantes no ensino superior, com base no fato de que não só não ajudaram os beneficiários originais pretendidos — negros desfavorecidos —, mas, na prática, levaram a um progresso mais lento dos negros do que teria sido visto na ausência de tais políticas. Contudo, em sua opinião, essa visão negativa das preferências raciais está enraizada em uma análise muito mais ampla a respeito dos *trade-offs** entre liberdade individual e intervenção estatal:

*Grande parte da perda de liberdade com o crescimento do governo hipertrofiado foi ocultada porque as perdas diretas foram sofridas por tomadores de decisão intermediários — principalmente, empresários —; e só depois que o processo continuou por um longo tempo que se torna flagrantemente óbvio para o público que a perda de liberdade de um empregador em escolher quem contratar é a perda de liberdade do trabalhador em conseguir um emprego por seus méritos, que a perda de liberdade de uma universidade na seleção do corpo docente ou dos alunos é a perda de liberdade dos seus filhos na busca de admissão ou na busca das melhores mentes a serem ensinadas.*¹²

O hábito de Sowell de desafiar as ortodoxias liberais que são caras à maioria dos seus colegas intelectuais e à grande imprensa levou a muitas críticas ao longo das décadas. Este livro investiga a história e a natureza dessa crítica, por que tem sido tão virulenta, e por que grande parte dela vem de liberais negros, em particular, que muitas vezes reagem como se qualquer desacordo com a visão consensual

* Expressão que define uma situação em que há conflito de escolha. Trocar algo por algo, sacrificar algo por algo, dilema ou perde e ganha. (N.T.)

da esquerda não fosse apenas equivocado, mas também malévolo. Os adversários de Sowell costumam recorrer a distorções grosseiras acerca dos seus argumentos ou à vergonhosa difamação. As suas motivações tendem a ser questionadas com mais frequência do que a força da sua lógica e raciocínio. E então existem as mentiras deslavadas. Sowell foi acusado de negar a existência da discriminação racial, de apoiar teorias de inferioridade racial genética e de exortar outros grupos desfavorecidos a seguir os seus passos ou a melhorar a própria situação por seus próprios esforços — tudo comprovadamente falso. Ele me disse que algumas dessas divergências foram mal-entendidos, que seus críticos muitas vezes procuram ideologias ocultas em vez de acreditar em sua palavra. Isso é um erro. Sowell afirma que não pretendeu se tornar um iconoclasta. O que o motivou desde o início foi o simples desejo de compreender o seu ambiente e a ampla variedade de comportamento humano em exibição. “Desde jovem, tenho me preocupado em tentar entender os problemas sociais que abundam em qualquer sociedade”, escreveu em suas memórias. “No entanto, depois de ter alcançado algum senso de compreensão acerca de questões específicas — um processo que às vezes levava anos —, eu queria compartilhar essa compreensão com outras pessoas.”¹³

Felizmente para todos nós, Thomas Sowell tem muito a compartilhar.

**ASSINE NOSSA NEWSLETTER E RECEBA
INFORMAÇÕES DE TODOS OS LANÇAMENTOS**

www.faroeditorial.com.br

CAMPANHA



Há um grande número de portadores do vírus
HIV e de hepatite que não se trata.
Gratuito e sigiloso, fazer o teste de HIV e hepatite
é mais rápido do que ler um livro.
FAÇA O TESTE. NÃO FIQUE NA DÚVIDA!



ESTA OBRA FOI IMPRESSA
EM MAIO DE 2022